

Carlos Drummond de Andrade

(1902-1987) Poeta, cronista, contista, tradutor. Publicou poesia: *Alguma poesia* (1930); *Brejo das almas* (1934); *Sentimento do mundo* (1940); *Poesias* (1942); *A rosa do povo* (1945); *Claro enigma* (1951); *Viola de bolso* (1952); *Fazendeiro do ar* (1954); *A vida passada a limpo* (1959); *Lição de coisas* (1962); *Boitempo* (1968); *As impurezas do branco* (1973); *A paixão medida* (1980); *Corpo* (1984); *Amar se aprende amando* (1985); *O amor natural* (1992). Prosa: *Confissões de Minas* (1944) – ensaios e crônicas; *Contos de aprendiz* (1951); *Passeios na ilha* (1952) – ensaios e crônicas; *Fala, amendoeira* (1957) – crônicas; *A bolsa e a vida* (1962) – crônicas e poemas; *Cadeira de balanço* (1970); *O poder ultrajovem e mais 79 textos em prosa e verso* (1972) – crônicas; *Boca de luar* (1984) – crônicas; *Tempo vida poesia* (1986).

A MÃO SUJA¹

Minha mão está suja.
Preciso cortá-la.
Não adianta lavar.
A água está podre.
Nem ensaboar.
O sabão é ruim.
A mão está suja,
suja há muitos anos.

A princípio oculta
no bolso da calça,
quem o saberia?
Gente me chamava
na ponta do gesto.
Eu seguia, duro.
A mão escondida
no corpo espalhava
seu escuro rastro.
E vi que era igual
usá-la ou guardá-la.
O nojo era um só.

Ai, quantas noites
no fundo da casa
lavei essa mão,

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Um eu todo retorcido. (A mão suja)*. In: _____. *Antologia poética*. 13.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 12.

poli-a, escovei-a.
Cristal ou diamante,
por maior contraste,
quisera torná-la,
ou mesmo, por fim,
uma simples mão branca,
mão limpa de homem,
que se pode pegar
e levar à boca
ou prender à nossa
num desses momentos
em que dois se confessam
sem dizer palavra...
A mão incurável
abre dedos sujos.

E era um sujo vil,
não sujo de terra,
sujo de carvão,
casca de ferida,
suor na camisa
de quem trabalhou.
Era um triste sujo
feito de doença
e de mortal desgosto
na pele enfarada.
Não era sujo preto
– o preto tão puro
numa coisa branca.
Era sujo pardo,
pardo, tardo, cardo.

Inútil reter
a ignóbil mão suja
posta sobre a mesa.
Depressa, cortá-la,
fazê-la em pedaços
e jogá-la ao mar!
Com o tempo, a esperança
e seus maquinismos,
outra mão virá
pura – transparente –
colar-se a meu braço.